



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)  
*Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*  
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)  
ISBN 978-989-95500-1-8

---

## Do texto ao corpo ou a distância numa voz: uma análise semiótica da obra de Rui Nunes

JOSÉ MANUEL BÁRTOLO

CECL/UNL, ESAD ~ josebartolo@esad.pt



### Resumo:

A Semiótica da última geração ensina-nos que o corpo pode ser objecto de estudo semiótico na medida em que ele é da ordem da significação. Trata-se de entender os vários discursos que operam sobre o corpo como construções que pretendem dar sentido ao corpo. A semiótica visará, então, a construção de uma gramática (actancial e discursiva) das produções e apreensões de sentido do corpo. Como ligar a semiótica do texto a uma semiótica das paixões? O texto ou, mais correctamente, a leitura é espaço de possível deflagração de um sentido sensível, a relação entre o leitor e o texto assume frequentemente a forma de um corpo-a-corpo que actualiza a compreensão do que em semiótica se designa por semiose.

O percurso de uma semiótica do texto para uma semiótica do corpo será, neste trabalho, desenvolvido tendo por base a análise do pensamento e da obra de Rui Nunes em particular da sua última obra *Ouve-se sempre a distância numa Voz*.

### Palavras-chave:

Significação, sema/soma, corporeidade.

---

### 1.

A semiótica ocupa-se da significação, isto é, da construção do sentido em acto. Trata-se, afinal, de um acto de desfazer o sentido (o sentido natural) procurando iluminar as condições sob as quais as coisas passam a fazer sentido para nós.

Sabe-se que Espinoza era conhecido por médico. Assim se refere a ele, por exemplo, Leibnitz, numa época em que não era realmente filósofo quem não tivesse assistido aos teatros anatómicos e observado a dissecação de cadáveres. Espinoza, de resto, viveu rodeado de anatomistas. Era anatomista Franciscus Van Den Enden, seu mestre de Latim era-o Nicholas Tulp, famoso médico da primeira das Lições de Anatomia de Rembrandt, curiosamente um rigoroso filólogo e filósofo da linguagem. Numa Carta escrita a Foucher, Leibnitz elucida-nos acerca da importância deste conhecimento anatómico por parte do filósofo, a dissecação do cadáver é análoga à dissecação do sentido, procurar na matéria morta o fantasma que anima o corpo vivo.

Em *A Boca na Cinza*, Rui Nunes escreve que “Habitamos sempre o interior de uma palavra absoluta, andamos a vida toda a tentar descobri-la, ela é a nossa água e o nosso ar, às vezes os outros julgam ouvi-la, quando os olhamos é assim que a palavra que desconhecemos se insinua numa face”. Essa palavra absoluta que habitamos é o nosso corpo. A escrita é, para Rui Nunes, um

gesto. É esse gesto que insinua um sentido de uma forma insuportável para o leitor. Ele faz o gesto de nos tocar e o leitor sabe que esse toque pode sujar, magoar, deliciar, matar. É um gesto que nos faz sentir o corpo e sentir o corpo corresponde à experiência da inadequação. Numa entrevista recente, Rui Nunes dizia-o “Nós vivemos sem sentir o corpo a maior parte da vida. Sentir o corpo é mau, bom é não o sentir: em última instância, todo o prazer é mau, porque é o sentimento do corpo.”<sup>1</sup>

Não há interpretação que não envolva alguma forma de desadequação, da mesma forma que não há interpretação senão enquanto processo que convoca dois registos de construção de sentido, um registo dir-se-ia “técnico”, que resulta de uma determinada operação hermenêutica dominada por operadores pré-determinados e, um outro registo, “estético”, dominado por um “consentimento” das coisas a nós, algo que corresponde a um momento em que “sentimos” que *aquilo* “faz sentido”.

O corpo é a instância radical (positiva e negativamente envolvida) onde esse consentimento se dá. Ele é o *spatium* da semióse, para o expressar em formulação semiótica. Se “há sempre Deus a escrever o texto que o homem percorre”<sup>2</sup>, o que cabe ao fazer semiótico? Se há sempre um devir que, intensificado no próprio acto da leitura, que, em certo sentido, não cessa de “reescrever” o que havia sido escrito, como pode o olhar que se depõe na palavra escrita estancar a fluidez de um sentido que se não deixa fixar? Sabemos, de Hjelt, que a semiótica não almeja a operar esse gesto de estancar a fluidez do sentido, a semiótica propõem-se, antes, gerar modos de manifestação do sentido no seu fluir, isto é, a uma espécie de iluminação da significação: “chama-se tempo a essa nomeação chama-se morte”.<sup>3</sup> Para Rui Nunes o nome é o enigma.<sup>4</sup>

## 2.

Encontro-me sentado numa cadeira de pele escura em frente do computador onde escrevo. Estar aqui faz sentido. Lembramo-nos de Greimas e da ideia de que estaremos sempre condenados ao sentido.<sup>5</sup> Faz sentido a cadeira suportar o meu peso, faz sentido a mesa suportar o computador, faz sentido o facto de estar aqui a trabalhar, empenhado que estou em procurar que as ideias que vou escrevendo façam sentido e, se sobre isso me questionar, evidentemente, faz sentido ter corpo, posso dizer que o meu corpo faz sentido.

Fazer sentido é uma expressão que se presta a alguma equivocidade, nós não “fazemos” o sentido da mesma forma que “fazemos” um objecto (como uma cadeira ou uma mesa) e parece claro que o sentido se faz mais para nós do que nós o fazemos a ele. No nosso corpo-a-corpo com as coisas *faz-se sentido*.

*Fazer sentido*, doar sentido às coisas, é, por sua vez, alvo de toda a actividade hermenêutica. Mas, como muito bem esclarece Geninasca «le sens que l'on donne, alors, au gré d'une intuition que patronnent un savoir ou des convictions partagés ou au terme d'un travail descriptif subordonné aux contraintes d'un modèle théorique, ne saurait coïncider avec le sens des choses et des êtres ou des discours dont l'immédiateté tient à notre double inscription dans un corps biologique et dans un corps social.»<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Rui Nunes em Entrevista Tereza Coelho, Jornal Público, Mil Folhas, 5 de Julho de 2003, Pág. 5

<sup>2</sup> Rui Nunes, **Ouve-se sempre a distância numa voz**, Relógio d'Água, Lisboa, 2006, Pág. 9

<sup>3</sup> Idem, *Ibidem*, Pág. 11.

<sup>4</sup> Cf. Idem, *Ibidem*, Pág. 70.

<sup>5</sup> A. J. Greimas, *Du Sens*, Paris, Seuil, 1970.

<sup>6</sup> Jacques Geninasca, “Quand donner du sens c'est donner forme intelligible” IN E|C, Rivista dell'Associazione italiana di studi semiotici, luglio, 2004, p. 1.

O sentido nasce como um acaso antes de ser subjectivado no quadro dos acontecimentos humanos<sup>7</sup>, a sua fonte residirá na compreensão de nós próprios – *fazermo-nos sentido, sentirmo-nos* – mediada não só por signos mas, fundamentalmente pelo outro e na relação com o mundo, isto é, intersubjectivamente. Resulta daí que a compreensão de si coincide com a interpretação aplicada a estes termos mediadores, o sujeito é, assim, *o corpo-que- se- abre- outro*, que fala e responde, que enuncia e é enunciado.

Para a sociossemiótica, campo de referência do nosso estudo, o sujeito é uma instância discursiva e praxeológica, em relação dinâmica, tensiva – fórica, tímica e patémica – com outras subjectividades que recebem a sua objectivação no plano social. Para alguém orientado pelo olhar semiótico, o *corpo* começa por ser como que um *texto*, um documento a *ler*. De facto, não fazemos outra coisa senão “ler” corpos – a sua estatura, a sua beleza, a sua fragilidade ou a força da sua presença. Munidos de determinados instrumentos de leitura, o anatomista, o biólogo, o coreógrafo, o designer procedem a uma leitura determinada dos corpos.

Ler, analisar, dissecar, anatomizar, enfim, semiotizar o corpo, corresponde a construir o corpo-texto como *discurso*, o corpo passa então a poder ser considerado como o resultado do acto de uma instância enunciativa determinada, que realizou a *semiosis*, dando conta da *significação* do corpo.

Sabemos hoje que a semiotização não se detém nos textos e nos discursos, ela avança para o nível dos objectos, das situações e das formas de vida. Dever-se-à considerar, portanto, que o corpo, qualquer corpo, é semiotizado como *texto*, como *discurso*, enquanto *situação*, como *paixão* e enquanto *forma de vida*, expressão de um sentido fixado. Seguramente estes níveis são atravessados por uma *discursificação* e uma *praxis* dinâmicas, envolvendo uma série de mecanismos e competências, para dar conta dos quais iremos recorrer à noção de *máquina semiótica*, que deve ser entendida como plano sócio-semiótico de produção de sentido do corpo. A anatomia tem a sua máquina semiótica, o direito a sua, a economia a sua, o design industrial a sua, cada um de nós a sua, construindo permanentemente *corpos*.

Podemos assim considerar a existência de um *corpo-sujeito* que constrói um *corpo-objecto*, mas ao construí-lo sob determinadas condições – chamemos-lhe contexto semiótico ou contexto maquinico – ao construí-lo no interior de um determinado imaginário – no sentido em que Petitot define a semiótica como estrutura antropológica do imaginário – esse *corpo-sujeito* poderá ser visto, reversivelmente, como *corpo-objecto*, na medida em que não só os seus procedimentos construtivos sobre o outro não são “livres”, mas, fundamentalmente, porque essa construção é interconstrutiva. Poder-se-à, assim, dizer que o anatomista se constrói ao longo da operação em que constrói um determinada semiótica do corpo-cadáver, nessa interoperatividade, não só os estatutos de sujeito e objecto podem ser reversíveis, como a semiotização de base e de profundidade *tomará corpo* aos dois.

Em *De la Imperfección* Greimas escreveu que “a fronteira entre o observável e o desejável é insustentável, sobretudo para uma semiótica que anseia ser, ao mesmo tempo, uma axiologia.”<sup>8</sup>. O semiótico deve “honrar o que lhe aparece”, envolve-o uma certa “nostalgia da perfeição” que só deverá agudizar a sensação intensa de, de cada vez, se sentir vivo e, de cada vez, em cada instante, se sentir morrer. Se Greimas evoca a parábola bíblica, aludindo à vã tarefa de “edificar sobre a areia”, é por se aperceber que é essa a tarefa que, em grande medida, cabe em sorte ao semiotista: saber

<sup>7</sup> A formulação é de José Augusto Mourão encontramos-na em **Sujeito, Paixão e Discurso. Trabalhos de Jesus**, Lisboa, Vega, 1996, p.12.

<sup>8</sup> A ideia é também trabalhada por Greimas em “Algirdas Julien Greimas mis à la question”, IN M. Arrivé et al. (Eds.), **Sémiotique en jeu**, Paris, Hadès, 1997; veja-se, nomeadamente a nota 9

honrar o instante, estar à altura do que lhe aparece, mesmo que o pleno encontro – a “fusão total do sujeito e do objecto” - esteja, e ele o saiba, de cada vez e sempre, prometido e adiado.

Aqueles que encontraram o sentido da vida aparentemente estão mortos. À semiótica não se pode exigir a descoberta do sentido mas, tão somente, a explicitação da significação. A significação tende para o sentido. A semiótica é uma disciplina tensiva, sem dúvida, mas poder-se-ia dizer, de um modo igualmente verdadeiro, que *ser* é estar em tensão e, mais, que *existir* é estar em “tensão semiótica”, em “vigilante espera”, na expressão de Greimas. Só há espera no que é antecipável. A tensão semiótica não resulta senão de um anúncio, de um vislumbre, vislumbre estésico que ocorre em cada encontro de nós com as coisas, em cada corpo-a-corpo - agora que vejo a minha mão, agora que observo mais adiante o sofá verde, agora que me apercebo do brilho distante mas intenso de uma estrela na noite escura. É por a vida ser irrecuperável que a aparência é maravilhosa. E há nisso um sentido que se emudece, que sei não ser nunca capaz de dizer plenamente e todavia sentio e “fizemos sentido” – um ao outro.

### 3.

Já o dissemos, evocando Greimas, a fronteira entre o observável e o desejável é insustentável. Essa fronteira diz-se, em Rui Nunes, enigma. O consentimento, de que a intimidade é uma expressão, é o enigma que aproxima, une, que opera a cópula entre dois corpos. Não reconhecer o enigma é o equivalente a não se saber o nome, a estar diante de algo – um corpo, um texto – que somos incapazes de nomear. “olho a tua cara e não vejo nela o enigma, é uma cara sem o teu nome que era o seu enigma, voltas-te para a janela e tornas-te uma cabeça de sombra, e mesmo assim não és um enigma (...)”. O enigma não é o fantasma, o enigma é o modo do outro não ser um fantasma (uma “sombra”, uma “cabeça de sombra”) sem que consigamos dizer o que, entre nós e ele, se passou para nos termos tornado um só. O outro que se faz sentido em nós é o enigma. O enigma que só o corpo sabe e ninguém pode nomear.

“Quero o meu nome sem a morte que o teu dizê-lo lhe daria” diz alguém num dos livros de Rui Nunes, “dá-se a morte a um nome, dizendo-o?”, pergunta outro, e a resposta surge decidida: “sim”. Nomear as mãos, os olhos, nomear os cabelos que tocamos, nomear os dias, o vento soprando nos ulmeiros, nomear a face que beijamos, nomear a palavra que lemos, a esperança que almejamos, o nomear mapa ao esvanecer o enigma, ao trazer à terra o sentido dá-lhe na palavra que lhe o assume um túmulo. Nas palavras de Rui Nunes, só se diz a beleza através do seu desvio: o monstruoso; só ele se dá à palavra como um corpo dorido à mão que o consola.

“A palavra é uma luz incerta.”<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Rui Nunes, **O choro é um lugar incerto**, Pág. 80.